



QI

Guia da vida contemporânea

A bravura nazista vinha da droga.
Que tal um *antidoping* na política? **61**

Os bars à vin de Bordeaux servem
outros vinhos além dos locais **62**

Wimbledon é o símbolo do que há de
mais nobre e elegante no tênis **64**



O destino do inquisidor

A lição da História: Savonarola acabou fritado na mesma fogueira em que assava os “hereges” e “corruptos”

POR NIRLANDO BEIRÃO



QI/Lição de história

Mesmo depois de punido por uma morte infame, o abade dominicano Girolamo Savonarola foi tido na conta de santo por muitos cidadãos de Florença. Fim do século XV, 1498: o destino do lunático fora selado. Mas, antes, Savonarola incendiara a ténpera da comuna com o combate sem trégua aos “ímpios e pecadores” e com a doutrina de higienização ética que expelisse do convívio social – de preferência de forma exemplarmente violenta – os dissidentes do *establishment*. Teve legiões de seguidores apalermados – e assustados – e virou a seu favor a opinião pública de uma Florença, no entanto, culta e sofisticada. Perseguidor implacável dos pretensos hereges, foi condenado por heresia.

Inquisidores de todas as épocas são terroristas por vocação, disseminam o pânico e proclamam sentenças em nome de uma primazia moral fundada no delírio sadomasoquista de uma missão purgativa ditada pelo Céu – em certos casos, pelo “mercado”. São gente, em geral, muito doente da cabeça e, quando não, passageiros da hipocrisia e do farisaísmo. Jogam para a plateia, até que a plateia, de tanto manipular o exibicionismo deles, se cansa do jogo. Antes mesmo do definitivo julgamento da História, costumam dar-se mal.

Savonarola é o mais notável chefe de uma escola que, ao longo dos séculos, aflorou aqui em ali, em Salem, Massachusetts, perseguindo bruxas, ou na Alemanha nazista, dizimando os judeus; em Washington, DC, com o senador Joe McCarthy, caçando comunistas nas telas e debaixo da cama, ou na República curitibana da Lava Jato, fanatizada pelos holofotes da mídia reacionária.

Procedia Savonarola, precursor de Moro e Dallagnol, de uma família tradicional de Ferrara, na região da Emilia Romagna. Foi educado nas manhas da



No ano em que Savonarola caiu em desgraça, Maquiavel entrou em cena

República desde 1115, Florença era culta e civilizada. Como é que caiu no golpe da teocracia?

escolástica e esmerou-se nas contorções enganosas do silogismo. Francesco Guicciardini, seu contemporâneo, anota em *História de Florença* sua “retórica eloquente”. Savonarola era, de fato, impetuoso e suas aparições públicas logo revelaram um extremista. Tinha sangue nos olhos. Soube aproveitar o vácuo político a seu favor.

Lorenzo di Medici, o Magnífico, morrera. O filho e sucessor, Piero, revelou-se um desastre. O exército francês do rei Carlos VIII cruzara os Alpes e se preparava para invadir Florença. Os florentinos entraram em pânico. “Em tais circunstâncias”, escreveu o historiador Michael White, de Oxford, especialista em Renascimento, “é frequente que

um indivíduo com carisma extraordinário, uma mensagem forte e alguma inteligência possa segurar as rédeas do poder e se levantar mais alto e mais rápido que qualquer um poderia ter sonhado em tempos mais simples e calmos”.

Florença era uma república desde 1115. Uma república da elite, mas, ainda assim, com leves concessões de representação popular. Setenta mil habitantes haviam sobrevivido à devastação da Peste Negra, no fim do século XIV. “Existe liberdade igual para todos”, exagerou, em 1428, Leonardo Bruni, um entusiasta de Florença. “A esperança de ter altos cargos e de ascender é a mesma para todos.” Era, de todo modo, a mais liberal das cidades-Estado da Península,



SANTI DI TITO E ALAMY/FOTORENA



Sempre de preto,
o fanático Savonarola
acendeu a sua
fogueira. Queimava
dissidentes e livros



com a possível exceção de Veneza.

A democracia não estava na agenda afetiva de um homem que deixou de se ver como político e passou a pregar como se fosse um profeta, imprecando contra a devassidão moral, do alto do balcão do Palazzo Vecchio, para multidões aglomeradas na Piazza della Signoria, dispostos, tanto os ricos quanto o populacho, a embarcar na fantasia de um regime teocrático intermediado por Savonarola. Ele falava em dialeto toscano, o que ampliava o apelo de sua oratória inflamada.

Lorenzo di Medici era da família que dominava Florença e nomeava papas. Quando o inquisidor quis desafiá-la...

Especialmente depois de ter sido chamado às falas pelo papa Alexandre VI, em 1495, o frade passou a guiar suas decisões terrenas por visões sobrenaturais – que ele anotava minuciosamente em seu *Compendium Revelationum*. Convocado em Roma, recusou-se a ir e acabou por romper com o Vaticano. Anunciou que Florença era “a nova Jerusalém”, “a cidade de Cristo”, centro de uma cristandade purgada de seus pecados.

Fetichismo de todo bom inquisidor, logo Savonarola acendeu sua fogueira. Ali, passou a queimar obras de arte e objetos considerados produtos da vaidade humana, luxo desnecessário ou peças imorais. Jogou nas brasas obras



A PERSEGUIÇÃO COMO DOENÇA



Não é verdade que o procurador Rhoades (extrema direita) estagiou em Curitiba

Um procurador da República de cabeça perturbada, disposto a saltar por cima de todos os limites da lei e da decência em sua missão compulsiva de prender um magnata da ciranda financeira, é o protagonista de *Billions*, seriado da tevê americana já em segunda temporada (produzido para o canal Showtime e disponível na Netflix).

Param por aí, na esfera da perturbação mental do algoz, as eventuais analogias com os nossos agentes da lei, já que os daqui só incomodam os donos do capital quando se trata de produzir dano aos adversários da política.

De todo modo, mesmo que a trinca Brian Koppelman, David Leiven e Andrew Ross Sorkin tenham dispensado a Lava Jato em seu enredo, *Billions* é altamente recomendável e educativo para quem acredita que a Justiça é cega e seus executores, criaturas cândidas e imparciais. Paul Giamatti (de *Sideways* e de *Anti-Herói Americano*) exacerba a neurose do procurador nova-iorquino Charles Rhoades Jr. investindo numa linguagem corporal que parece inspirada na de certas figuras de Curitiba. Faz da obsessão o alimento para sua perseguição ao bem-sucedido e popular Bobby Axelrod

(Damian Lewis). Casado com uma peculiar psicanalista, configura ele próprio um típico caso de divã. Fica progressivamente demonstrado, nos embates da narrativa tensa, que caça e caçador compartilham o mesmo *pedigree*, são figuras ambiciosas e atrevidas do *establishment*, um usando e abusando do poder de ser a palmatória do mundo, com pose de justiceiro santarão, o outro surfando, nas ondas da especulação financeira que constitui o combustível para a carnificina chamada "mercado". Em ambos os casos, dane-se a lei – a vingança é a poética do capitalismo.

clássicas de Dante, Boccaccio e Ovídio. Não custou muito para condenar à fogueira todo aquele que insurgisse contra sua ditadura alucinada. Artistas, escritores e livres-pensadores sofreram na pele o desatino da fé.

Pouco a pouco, os florentinos começaram a pressentir que haviam sido feitos do patos e aos entrechoques entre as tradicionais facções do poder (*Bianchi, Bigi, Arrabiatati, Frateschi, Piagnoni*) veio se juntar a progressiva ofensiva movida pelo ofendido papa Alexandre VI. Em maio de 1497, Savonarola foi excomungado. Mesmo num Estado laico como Florença, esse tipo de ordálio traz consequências. O que começara como promessa havia se degenerado em horrível distorção de um governo civilizado.

A intolerância e a injustiça têm, às vezes, pernas curtas. A danação de Savonarola aguçou-se quando seu aliado mais influente, o rei francês Carlos VIII, com o qual havia negociado uma trégua, morreu subitamente. O sacerdote celerado logo iria saborear seu próprio veneno. Foi preso e torturado, confessou que forjara as tais "visões" e, juntamente com dois seguidores próximos, igualmente frades, foi enforcado e depois assado na Piazza della Signoria, em 23 de maio de 1498, na mesma grelha em que assara seus desafetos.

Florença começou a cicatrizar as feridas e, com o necessário *mea-culpa*, se refazer da ressaca, com caras novas e propósitos arejados. Entrava em cena na vida pública, como secretário da Segunda Chancelaria, um jovem chamado Nicolau Maquiavel. Sai Savonarola, entra Maquiavel – difícil engolir sem amargura a insuperável superioridade intelectual dessa Florença, quando, em outros cenários de brutalidade inquisitória, se sai Sergio Moro entra Gilmar Mendes. •

JAMES MINCHIN